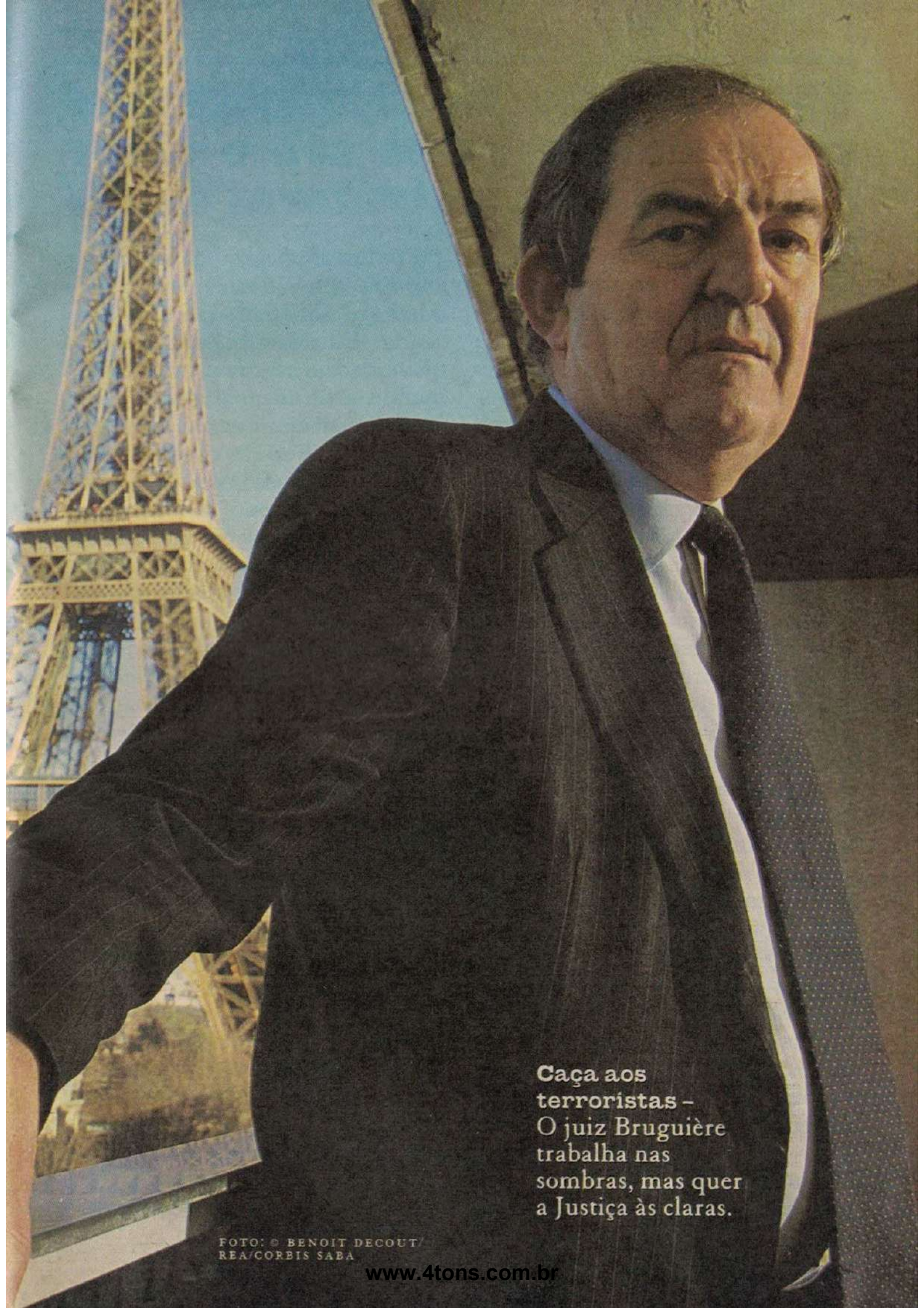


# Códigos, pistas & confissões

**Por Kenneth R. Timmerman**

O juiz Jean-Louis Bruguière enfrentou alguns dos terroristas mais perigosos do mundo e saiu-se vitorioso. Mas afirma que um caso ainda o persegue, um episódio que já fornecia indícios do mal que estava por vir.



**Caça aos  
terroristas -  
O juiz Bruguière  
trabalha nas  
sombras, mas quer  
a Justiça às claras.**

FOTO: © BENOIT DECOUT/  
REA/CORBIS SABA

[www.4tons.com.br](http://www.4tons.com.br)

## **Ahmed Ressam manipulava explosivos muitas vezes sob o olhar atento de seus instrutores da Al-Qaeda.**

Agora ele está por sua conta, e isso o deixa nervoso.

É dia 13 de dezembro de 1999, e Ressam está hospedado no 2400 Motel em Vancouver, na Colúmbia Britânica, Canadá. A cozinha do pequeno quarto será seu laboratório.

Primeiro, apanha um pó branco, um explosivo chamado RDX que havia preparado antes, e o despeja cuidadosamente em um frasco vazio de remédio. Em seguida, pega pequenos comprimidos redondos de hexamina, o detonador de sua bomba. Depois de triturá-los, despeja o pó em uma embalagem vazia de pastilhas para garganta.

Agora vem a etapa mais temida: misturar os líquidos. Ressam tem consigo ácidos nítrico e sulfúrico, furtados de uma loja de suprimentos químicos. As medidas precisam ser exatas. Sentado à mesa da cozinha, ele despeja o ácido sulfúrico em um recipiente de vidro imerso em gelo. Todo cuidado é pouco; alguns já perderam a virilidade ao manipular o ácido nítrico.

É também preciso controlar a temperatura. Ele introduz um termômetro no recipiente e, à medida que acrescenta o ácido nítrico, gota a gota, o mercúrio vermelho sobe. Acrescenta o glicol que trouxe do Afeganistão e mistura suavemente.

Por fim, despeja o líquido viscoso em dois vidros de azeitonas vazios que havia comprado em uma mercearia. Entretanto, uma pequena quantidade derrama na mesa, queimando a fórmica. Algumas gotas caem em sua perna. Apesar da dor lancinante, Ressam continua concentrado na tarefa. Veda os vidros e depois lava a feia queimadura. Mais tarde, vai envolver os componentes ácidos no pó de sulfato de alumínio e uréia – na verdade, fertilizante triturado – que está a seu lado, embalado em sacos plásticos de lixo.

Depois de pronta, a bomba deve ser pequena o suficiente para caber em uma valise. Ainda assim, matará muita gente. Amanhã, Ressam vai iniciar sua viagem a Los Angeles e lá, no aeroporto, vai deixar a maleta em um carrinho de bagagem. Tudo sairá como planejado, pois Ressam sabe que Alá está com ele e todos os soldados da Al-Qaeda.

As vitórias foram predestinadas: o massacre de soldados americanos na Somália em 1993; a explosão no World Trade Center, no mesmo ano; a destruição em 1998 de duas embaixadas americanas na África. E agora, sua missão. Vai proporcionar aos infiéis americanos um milênio do qual jamais se esquecerão. Mas Ressam não contava com a missão

de outro homem: um juiz francês com poder e tenacidade para derrubá-lo. Um homem que há anos está em seu encaixe.

**S**ENTADO EM seu minúsculo escritório no alto de um edifício em Paris, fumando devagar o cachimbo, Jean-Louis Bruguière poderia ser confundido com mais um juiz no Palácio da Justiça. Mas não é nada disso. Bruguière é como um neurocirurgião: jamais se ocupa de casos rotineiros. Sua função é seguir pistas de terroristas. E o governo francês o investiu de poderes extraordinários para dirigir investigações criminais e processos, em qualquer parte a que eles o levem. À sua disposição há uma irmandade mundial de agências de inteligência e contra-espionagem, incluindo a Direction de la Surveillance du Territoire (DST) da França.

Era início de abril de 1996 quando Bruguière obteve a pista que o conduziria a Ressaam. Sentado à sua mesa, contemplava um pequeno dispositivo negro ali colocado por um policial. A agenda eletrônica de bolso era vendida em aeroportos e lojas de departamentos em todo o mundo por menos de 50 dólares, mas Bruguière suspeitava que para ele valia muito mais. Com sorte, conteria pistas para um caso em que trabalhava havia mais de um ano: desmantelar o que ele denominava a "Rede Afe-gã", a Al-Qaeda.

A agenda fora encontrada vários

dias antes no corpo de um muçulmano francês morto em tiroteio com a polícia. Quando pressionou o botão de ligar e viu o cursor começar a piscar, por um instante o juiz temeu que pudesse ser uma bomba.

Bruguière tinha motivos para se preocupar: nos últimos dias, a França fora alvo de dois ataques terroristas. Em 25 de março, extremistas islâmicos explodiram com um foguete militar um carro blindado da Brink's. No dia 28, um carro-bomba explodira perto da central de polícia em Lille. Os policiais rastrearam os responsáveis por ambos os ataques até a casa número 59 da Rue Carrette, em um bairro de imigrantes da cidade de Roubaix, 225 quilômetros ao norte de Paris.

Às 6h15 da manhã seguinte, uma unidade de elite da polícia invadiu a casa, mas intensos disparos de armas automáticas forçaram os policiais a recuar, ferindo os dois primeiros que entraram. Houve mais tiros de metralhadoras, acompanhados de uma torrente de insultos gritados em francês pelos terroristas. A batalha durou mais de uma hora. De repente, a casa pegou fogo, talvez provocado por uma granada incendiária lançada pela polícia ou pelos próprios bandidos, na tentativa de criar uma distração como escudo para a fuga. A construção queimou por completo.

Nas cinzas, quatro corpos carbonizados foram encontrados. Em poucas horas, dois membros da gangue que não estavam na casa duran-

te o tiroteio foram interceptados na fronteira belga, onde enfrentaram a polícia à bala. Um dos homens foi preso, portando passaportes falsos canadense, turco e belga. O outro morreu com duas balas na cabeça.

dispositivos de alta tecnologia monitorizam as salas. No início, o próprio Bruguière carregava uma arma – a Magnum .357 que ele escolhera por seu poder mortal. Sempre que saía do escritório, prendia-a sob o terno,

## **Bruguière sabia que homens como aquele eram fanáticos islâmicos que preferiam a morte à rendição.**

Os relatos policiais dos acontecimentos daquele dia, cheios de abreviaturas, estavam sobre a mesa de Bruguière junto da agenda eletrônica encontrada no corpo do homem morto. O juiz examinou o documento. Seus instintos lhe diziam o que o relatório não informava. Sabia que homens como esses argelinos e marroquinos não eram criminosos comuns. Eram fanáticos islâmicos que preferiam a morte à rendição. Tinha certeza de que eram integrantes da Rede Afegã.

Enquanto Bruguière manuseava a agenda, notou que todos os registros eram protegidos por senha. Não importava. O serviço de inteligência francesa decifraria o código. Em um ou dois dias ele poderia prosseguir com o trabalho.

**O** ESCRITÓRIO de Bruguière é um labirinto de salas que mais parece uma fortaleza. Grossos vidros à prova de bala substituíram as janelas antigas; seguranças encontram-se a postos e

cuja calça quase nunca combinava com o *blazer*. Agora são seus seguranças que portam as armas.

Bruguière não se deixa intimidar pelo perigo. Acredita que uma boa refeição e uma garrafa de Bordeaux, compartilhadas com amigos, sejam o melhor antídoto contra as tensões de seu ofício. Mas conhece os perigos das ruas. Seus olhos estão constantemente alertas, sempre perscrutando os recintos em busca de qualquer irregularidade. Ele sabe que é um alvo.

Ainda estremece ao se lembrar da noite de fevereiro de 1987, quando aguardava a mulher chegar em casa. Por puro acaso, um policial em sua ronda rotineira descobriu uma granada escondida perto da porta da frente da casa de Bruguière, presa a um fio de náilon que a detonaria no instante em que a porta se abrisse. Em minutos a rua foi bloqueada e 30 especialistas da unidade antiterror estavam no local. Em seu lugar, outros teriam fugido e levado a família para um hotel. Mas não Bruguière. Assim que o perigo passou,

estourou uma garrafa de champanhe para a mulher e os policiais.

Ele nunca planejou se tornar o “juiz do terrorismo”. Sabia, porém, que seu destino era a magistratura. Estava em seus genes. Dez gerações de Bruguières, remontando a Luís XIII, haviam servido nos tribunais. Durante a Revolução Francesa, em 1789, um ancestral de Bruguière, em Toulouse, presidiu o tribunal que impediu de descer à sua região o reinado de terror que dominava Paris.

Bruguière tinha 8 anos quando o pai o conduziu pela primeira vez pelos largos degraus de mármore do Palácio da Justiça e permitiu que o observasse vestir a toga vermelha de um juiz de tribunal de segunda instância. O menino jamais duvidou que haveria de usar aquela toga.

Após completar os estudos universitários em literatura, Bruguière estudou para ser juiz e, em 1972, formou-se na Escola de Magistratura da França. A princípio, o juiz novato assumia os casos que lhe eram designados: drogas, prostituição, homicídio, crime organizado.

Mas, em 1982, a carreira de Bru-



**Câustico confronto** – A polícia francesa quase sucumbiu diante do poder de fogo dos terroristas, nos arredores de Roubaix.

guière deu uma guinada, afastando-se do caminho do pai, quando um ataque assassino na Rue des Rosiers – o coração do bairro judeu de Paris – matou meia dúzia de inocentes e feriu muitos outros. O caso foi parar na mesa de Bruguière.

Ao ver as fotos dos corpos contorcidos e interrogar os sobreviventes,

deu-se conta de que aquilo era muito diferente de um crime comum. Tratava-se de uma agressão à civilização. A justiça não se cumpriria pelos procedimentos legais normais. Bruguière pressionou o governo a criar um tribunal especial que tratasse apenas do mundo sombrio do terror. Assim que o tribunal foi criado, Bruguière recebeu amplos poderes, muito mais amplos do que os dos juízes de outros países.

Quando um jumbo francês explodiu sobre o Deserto de Níger em 1989, matando todas as 170 pessoas a

bia. Bruguière elaborou então uma lista de importantes autoridades líbias que desejava interrogar. O coronel Muamar Kadafi recusou-se a apresentá-los para interrogatório. O juiz interpretou a afronta como uma forma de Kadafi dizer: "Que exército você vai trazer para me obrigar?"

Bruguière recorreu a amigos militares que o embarcaram em uma fragata com um contingente de fuzileiros navais franceses. Navegando ao largo da costa líbia, posou para fotos enquanto olhava na direção de Kadafi, os canos das armas de fogo

## **A presença do juiz na costa da Líbia era uma clara mensagem: Vou segui-lo até os confins da Terra.**

bordo, suspeitou-se de terrorismo e foi pedida a ajuda de Bruguière. O juiz requisitou um avião do governo francês para examinar pessoalmente o local do acidente. Trouxe de volta 15 toneladas de destroços e reconstruiu a fuselagem da aeronave para determinar onde a explosão havia ocorrido.

O exercício da perícia criminal é como um quebra-cabeça, e Bruguière adora esse desafio mais do que tudo. Quando as peças se encaixaram, descobriu a identidade do indivíduo que levara a bomba para dentro do avião e, em seguida, que a placa de circuitos de computador utilizada no dispositivo de tempo havia sido fabricada em uma empresa de Taiwan para a Lí-

visíveis atrás dele. Era sua resposta à pergunta, e sua presença na costa de Trípoli enviava uma mensagem clara: sei quem você é, sei onde mora e vou segui-lo até os confins da Terra.

**R**ESSAM espera anoitecer e prepara o carro. Abrindo com um estalido o portamalas do Chrysler alugado, puxa o tapete, levanta a tampa do compartimento do estepe e o retira, assim como o macaco. Tudo de que precisa vai caber no vão.

Primeiro, Ressaym forra as laterais e o fundo do vão com os sacos plásticos de fertilizante. Depois, enfia ali os dois vidros de azeitonas cheios de nitroglicol, usando o fertilizante

como escora. Uma pancada forte poderia fazer o líquido explodir. Em seguida, os pequenos frascos com os dois pós. Tudo se encaixa no vão. Recoloca a tampa, estica o carpete e fecha cuidadosamente o porta-malas. Por ora não há mais nada a fazer.

Ressam havia ouvido e visto as *fatwas* – os decretos – de Osama bin Laden: *Matem os infiéis onde e quando os encontrarem. Ataquem os centros econômicos do inimigo. Destruam todos os locais de diversão. Para cada infiel que matar, grande será sua recompensa. Virgens de olhos negros aguardam o santo mártir no paraíso.*

Era hora de transformar palavras em ação.

**A** CONFIANÇA de Bruguière no serviço de inteligência francês era justificada. Poucos dias após receber a agenda eletrônica, o código de criptografia havia sido decifrado. *É impressionante a quantidade de informações que essas maquininhas contêm*, pensava Bruguière, enquanto estudava as pilhas de papéis com nomes, endereços, números de telefone, datas, horários, informações sobre contatos.

Há números na Alemanha, na Bélgica, na França e na Turquia. Seu olho treinado começa a buscar padrões e conexões. Novos números de telefone foram adicionados em certas datas, bem como lembretes para ligar para aqueles números. Mais um nome, mais um número, mais um fio da teia.

Bruguière estava certo de que todos os nomes, todos os números, na Ásia, na Europa e no Oriente Médio, estavam ligados a um único país. A uma organização.

Nunca pensara no Afeganistão, até o Natal de 1994. Antes disso, terrorismo significava Irã ou Síria, Líbia ou OLP. Então, um voo da Air France que ia de Argel a Paris foi seqüestrado e desviado para Marseilha, no sul da França.

Quando pousou, o avião foi invadido por uma equipe da SWAT, que dominou os seqüestradores. Eram argelinos – militantes islâmicos de um grupo formado por homens que combateram os soviéticos no Afeganistão. Um deles tinha em seu poder um pedaço de papel no qual havia rabiscado um endereço em Londres.

De posse dessa informação, Bruguière apanhou o telefone preto de segurança em sua mesa e ligou para um amigo do MI5, o serviço de contra-espionagem britânico. Juntos, visitaram o apartamento em Londres.

O local estava repleto de documentos, a maior parte escrita em árabe. No meio deles havia uma carta ordenando que os seqüestradores tomassem o voo da Air France, e um desenho mostrando a Torre Eiffel explodindo.

O juiz francês ficou aturdido. Os seqüestradores planejavam jogar o avião contra o mais célebre monumento de seu país, um ponto turístico onde centenas de inocentes seriam mortos. Lembrou-se de fevereiro de 1993 e da bomba no World Trade





**Resgate na pista** – Uma equipe da SWAT francesa invade um avião em Marselha depois de os seqüestradores argelinos abrirem fogo.

Center em Nova York. De pé naquele apartamento sórdido, Bruguière sentiu como se o papel em sua mão sussurrasse em seus ouvidos: *Basta de negociações, basta de exigências. Nossos objetivos são maiores, nossos alvos são outros.* Esses fanáticos eram diferentes de tudo que já enfrentara. Estavam atacando o Ocidente por vingança, buscando destruir seus monumentos, seus símbolos. Tinha de encontrar uma forma de penetrar aquelas mentes, perscrutar sua loucura.

Poucos meses depois, o chefe da contra-inteligência francesa pousou com estrondo um grosso fichário branco na mesa do juiz. O relatório, encomendado por Bruguière, identificava uma nova espécie de terroris-

tas que emergia das chamadas Redes Afegãs. Concentrava-se em uma confederação livre de grupos de fundamentalistas islâmicos radicais, alguns dos quais treinados por um carismático saudita que havia lutado no Afeganistão: Osama bin Laden.

Um informante pertencente a uma das células de Bin Laden forneceu manuais de treinamento. Agentes secretos franceses em terra tiraram dezenas de fotos de casas no Paquistão usadas por Bin Laden como posto intermediário para novos recrutas. Segundo o relatório, representantes de Bin Laden faziam uma triagem entre os recrutas em Peshawar, no Paquistão, antes de enviá-los aos campos de treinamento afegãos.

Os aprovados passavam seis me-

ses nos campos, onde aprendiam a usar armas automáticas e lançadores de foguetes, a se infiltrar em países ocidentais, a identificar alvos como usinas elétricas, aeroportos e grandes empresas, e a construir bombas que reduzissem os alvos a pó.

A crescente rede terrorista designava e transportava os agentes a locais importantes espalhados pelo mundo. Esses agentes eram a um só tempo soldados e recrutadores, convidando a integrar suas células quem desejasse juntar-se à sua *jihãd*. A rede agia havia anos.

Nos meses seguintes ao relatório, Bruguière se agarrava a qualquer boato, a qualquer pista que pudesse desvendar os mecanismos da Rede Afegã. Agora, estudando os dados extraídos da agenda, o juiz se deu conta de que estava olhando para a matriz. Ele tinha a chave – mas o que ela revelaria?

Foi então que seu olhar se fixou em um registro: “Ahmed em Montreal.” Montreal? Bruguière se recostou. Por alguma razão, não esperava descobrir que as células tivessem avançado tanto na América do Norte. A aranha estava tecendo sua teia mais rápido do que imaginava. Mas Bruguière agora tinha um nome. Ahmed.

**A**HMED RESSAM sai lentamente do estacionamento do motel. Deixa para trás um quarto que apenas sugere o que tinha ocorrido ali: a mesa marcada da cozinha, o odor acre dos

produtos químicos, os canos danificados pelos ácidos que havia jogado na pia.

Ressam não está preocupado. Tem pressa em continuar sua missão. Vai tomar duas balsas diferentes de Vancouver a Seattle, um caminho oblíquo, obviamente. Leva um passaporte canadense com o nome de Benni Noris. Isso deve facilitar sua passagem pela alfândega.

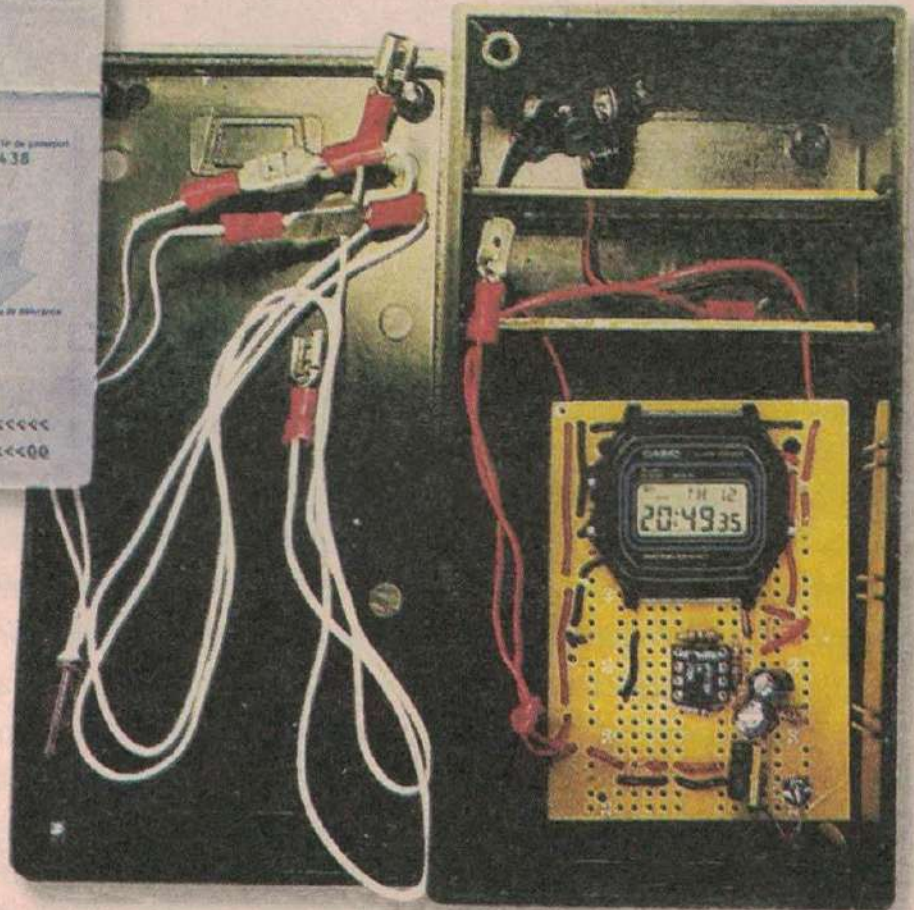
**D**EPOIS DE receber a agenda eletrônica, Bruguière passou quase um ano compilando nomes, interrogando fontes, rastreando relatórios de serviços de inteligência do mundo todo. Era uma tarefa lenta e penosa. Mas não poderia agir rápido demais, ou se arriscaria a deixar escapar importantes fios da teia.

No primeiro semestre de 1997, o juiz sentiu que tinha o suficiente para começar a cobrar ações de seus colegas na Grã-Bretanha, na Bélgica, na Itália, na Turquia e até mesmo na Bósnia. Fez com que levantassem as contas de cada número de telefone que aparecia na agenda e lançou as informações em uma base de dados no computador. Pouco a pouco, começou a colocar nomes e rostos ao lado dos números de telefone. Outras peças do quebra-cabeça se encaixaram.

Ao identificar telefones em Hamburgo, na Alemanha, Bruguière requisitou que a polícia alemã realizasse buscas em uma organização humanitária islâmica usada como



**Ferramentas de trabalho –** Ressay fraudou o passaporte canadense, removendo a prova de sua ida ao Afeganistão. Para garantir que a bomba detonaria, ele construiu quatro ‘timers’, incluindo o que vemos abaixo.



fachada pelos soldados de Bin Laden. Eles encontraram registros telefônicos que confirmaram que membros das células da Al-Qaeda na Alemanha e na França estavam ligando para o mesmo número em Istambul. Assim, em maio de 1997, Bruguière viajou para a Turquia.

Em Istambul, um colega da polícia turca rastreou o número até outra agência de assistência usada por Bin Laden. Seus empregados, ameaçados de deportação – ou pior, de cumprir pena em uma prisão turca –, alegaram trabalhar para homens com base na Bósnia, um dos centros de operação de Bin Laden. Bruguière comparou os números dos telefones turcos aos da agenda. Eram os mesmos. Então, em 18 de junho de

1997, o juiz partiu para uma Bósnia destrocada pela guerra.

Dois árabes, suspeitos de envolvimento com um grupo extremista muçulmano, estavam presos nos arredores de Sarajevo. Bruguière reconheceu os nomes. Ambos constavam da lista de homens procurados para interrogatório sobre o tiroteio de Roubaix. Ligou para o escritório local da OTAN e marcou uma visita à prisão com integrantes da força de paz.

Encontrou-se com os suspeitos, um de cada vez. Era assim, frio e metódico, que atuava melhor. Gra-

ças à agenda, dispunha de nomes, números e endereços. Às vezes, desviava os olhos dos documentos e fitava os homens, enquanto lia a crônica de suas vidas durante os dois anos anteriores: para quem haviam ligado, quando e para que número. “Está correto?”, perguntava. Era o método Bruguière. Lentamente, confrontados com o conhecimento que o juiz tinha de suas atividades, acabaram por confessar.

A rede do Afeganistão passava por Londres, revelaram. Ali, um contato de Bin Laden fornecia falsos passaportes aos recrutas. Onde conseguia os passaportes? Em Montreal. Dois argelinos fazem parte da operação: Kamel Fateh e Ahmed Ressam.

Quando Bruguière ouviu o nome, disfarçou o sorriso. *Olá, Ahmed*, pensou. *Estou chegando perto de você.*

**E**M 1999, Bruguière já havia identificado, na França, na Bélgica, na Alemanha, na Itália, na Turquia e na Bósnia, uma vasta teia de agentes treinados por Bin Laden. Alguns dos encadeamentos levavam à América do Norte. Agora era o momento de agir.

Em 7 de abril de 1999, Bruguière enviou uma carta rogatória – versão internacional de um mandado de prisão – de 40 páginas, em espaço simples, solicitando oficialmente que o ministro da Justiça do Canadá iniciasse investigação sobre Ahmed Ressam e membros de sua célula da Al-Qaeda. A carta detalhava seu treinamento no Afeganistão, suas

viagens e os atos terroristas cometidos por seus cúmplices. No entanto, os canadenses nada fizeram. Bruguière era considerado arrogante, um juiz que via terroristas em qualquer canto escuro.

O juiz recebeu então uma ligação: um dos homens de Montreal, Kamel Fateh, estava na Arábia Saudita para se encontrar com outros membros da Al-Qaeda. De lá, Fateh viajaria para a Europa.

Bruguière ligou para um homem de confiança do rei Abdullah, em Amã, e conseguiu que Fateh fosse detido ao cruzar a fronteira jordaniana. O juiz viajou para Amã, levando uma pesada pasta. Fateh não confessava. Mas nem precisava. Seus atos diziam tudo: a viagem à Arábia Saudita, os encontros, os telefonemas para a Europa e para Montreal. Tudo indicava um plano, uma conspiração. A pergunta sem resposta era: onde? Bruguière suspeitava que a chave estivesse no Canadá.

Em outubro, Bruguière e o chefe do serviço de contra-espionagem francês, a DST, foram a Ottawa fazer pessoalmente um apelo ao ministro da Justiça canadense. Bruguière expôs seu caso contra Ressam e sua rede em Montreal, e avisou que planejavam um ataque. Estava certo disso. Os canadenses não lhe deram atenção. Havia procedimentos de investigação, preocupações com as liberdades civis. O que poderiam fazer? *Tolos*, pensou Bruguière.

Mesmo assim, concordaram em mandar a polícia dar uma busca

num apartamento em Montreal usado pela célula de Ressay. Bruguière aguardou enquanto as autoridades canadenses faziam uma varredura no apartamento. Entre os indícios que encontraram havia uma pequena agenda. Bruguière se apoderou dela e providenciou para que a DST a examinasse.

**A**BALSA proveniente da Colúmbia Britânica chega ruidosamente ao terminal em Port Angeles, no Estado de Washington. A noite de 14 de dezembro de 1999 acaba de cair e a inspetora da alfândega americana Diana Dean prepara-se para encerrar o dia. Está pensando no jantar dos filhos adolescentes e na coleção de animais de estimação: dois cães, dois gatos, dois lhamas, duas tartarugas e 15 galinhas. Engraçado como, depois dos sonhos de se tornar veterinária, ela acabara em Port Angeles, de pé junto a uma mesa de madeira, aguardando que os motoristas parassem seus carros.

Tudo parece rotineiro, enquanto os veículos, uns 20 ao todo, passam pela inspeção. Por fim, o último carro, um Chrysler verde-escuro. O motorista baixa o vidro.

– Para onde está indo? – pergunta Diana.

– *Sattal* – responde ele.

Seattle, ele quer dizer. Ela percebe o sotaque.

– Onde mora?

– Em Montreal.

Ah, deve ser franco-canadense.

Mas há algo estranho. O homem parece agitado e começa a remexer no painel. Agora Diana também está nervosa. Ela lhe entrega um formulário de declaração para preencher, a fim de manter as mãos dele ocupadas. Ele assina: Benni Noris. Depois ela o faz destravar o porta-malas e sair do carro.

Os três colegas de Diana – Mark Johnson, Mike Chapman e Dan Clem – aproximam-se para ajudá-la. Johnson leva o motorista para um lado a fim de revistá-lo; Clem e Chapman erguem a tampa do compartimento do estepe no porta-malas. Sacos de lixo com pó branco. Drogas, imaginam.

Quando Diana vai telefonar ao diretor do porto, ouve gritos. O homem se desvencilhou de Johnson e está fugindo. Johnson corre atrás dele com Chapman. A perseguição segue por vários quarteirões até que, após dobrarem uma esquina, o homem desaparece.

Então Chapman percebe um movimento sob uma picape estacionada. Saca a arma e ordena que o homem saia com as mãos para cima. Noris corre em direção a um carro parado no sinal vermelho. Tenta abrir a porta, mas o aterrorizado motorista acelera, e Noris perde o equilíbrio e cai. Chapman o alcança e o imobiliza para que Johnson o algeme.

Levam Noris de volta ao *trailer* da alfândega, onde Diana está atrás do balcão. Ele a encara e ela estremece. *Seus olhos não têm vida*, pensa ela. Não há nenhum lampejo de luz neles.



© ANNA MIA DAVIDSON

**Na hora H** – A Ressam restava um último obstáculo: passar pela inspetora da alfândega Diana Dean, sem levantar suspeitas.

Só muitos dias depois ela vai saber que o homem à sua frente, “Benni Noris”, é Ahmed Ressam.

■  
**Q**UANDO Bruguière é informado da prisão de Ressam, meneia a cabeça. Se não fosse por uma atenta inspetora da alfândega dos Estados Unidos, centenas de americanos poderiam estar mortos. Ele entra em contato com um amigo do Departamento de Justiça em Washington e conta o que sabe sobre Ressam. Os americanos logo se dão conta da importância das informações que o francês compilou. Ele se oferece para enviar-lhes alguns dos arquivos que acumulou em cinco anos de investigação.

O juiz percebe que as autoridades americanas estão sob pressão. Não sabem das ligações de Ressam com a Al-Qaeda e têm poucas provas, além dos explosivos encontrados no carro. Mas Bruguière está seguro de ter o bastante para pôr Ressam atrás das grades pelo resto da vida. Seus peritos estão com a agenda confiscada em Montreal, que mostra contatos com a rede global da Al-Qaeda, e até mesmo uma lista de compras para a bomba. Também encontraram impressões digitais de Ressam em uma das páginas da agenda. Bruguière a envia a Washington.

O FBI confirma a impressão digital, o que ajuda a convencer o júri a condenar Ressam nas acusações de conspiração para destruir ou danifi-

car edificações, infração de leis de imigração, transporte de explosivos e contrabando. A ameaça de passar o resto da vida na prisão convence Ressay a testemunhar contra Bin Laden e sua rede Al-Qaeda.

PARA BRUGUIÈRE, a condenação de Ressay, em abril do ano passado, foi apenas uma vitória em uma guerra muito maior. Logo o resto do mundo conheceria essa verdade. Em 11 de setembro de 2001, depois que as torres do World Trade Center desabam, Bruguière atende o telefone em sua mesa. Um alto assessor do procurador-geral dos Estados Unidos, John Ashcroft, está na linha. Será que Bruguière pode ajudar? Cer-

da Espanha a deter agentes suspeitos da Al-Qaeda.

Em meados de dezembro, Zacarias Moussaoui, um francês muçulmano descendente de marroquinos, é acusado nos Estados Unidos do suposto envolvimento nos ataques de 11 de setembro. Na acusação formal, os promotores, com a ajuda dos arquivos de Bruguière, refazem a rota de Moussaoui do Afeganistão à Inglaterra, ao Paquistão e à América.

Pouco antes do Natal, um britânico muçulmano chamado Richard Reid é preso nos Estados Unidos, depois de aparentemente tentar acender o pavio de explosivos que trazia nos sapatos durante um voo de Paris a Miami. Os investigadores

## **Ele a encara e Diana estremece.**

**‘Seus olhos não têm vida’, ela pensa. Não há nenhuma luz neles.**

tamente. Quando os aeroportos reabrem, ele vai a Washington.

Por ser uma das poucas autoridades que conhece o vasto alcance da rede de Bin Laden, Bruguière se torna um tutor *de facto* para a força policial americana. Para quase todo incidente terrorista, ele tem algo em seus arquivos. Para quase todo suspeito detido, ele pode confirmar ou negar ligações com a rede.

Poucas semanas após os ataques em Nova York e Washington, as informações de Bruguière ajudam autoridades da França, da Alemanha e

estão rastreando seus movimentos na Inglaterra, na França, na Bélgica, em Israel e no Afeganistão.

Conectar os fios da teia é uma tarefa da qual Bruguière ainda se ocupa todos os dias. Ao longo do caminho, o juiz investigador se tornou professor, ensinando ao Ocidente tudo que aprendeu. Sentado em seu escritório, a fumaça do cachimbo subindo em direção ao teto, o juiz Jean-Louis Bruguière sorri amargamente quando lhe perguntam sobre o futuro. Pretende, diz ele, permanecer ocupado por muito tempo ainda. ■

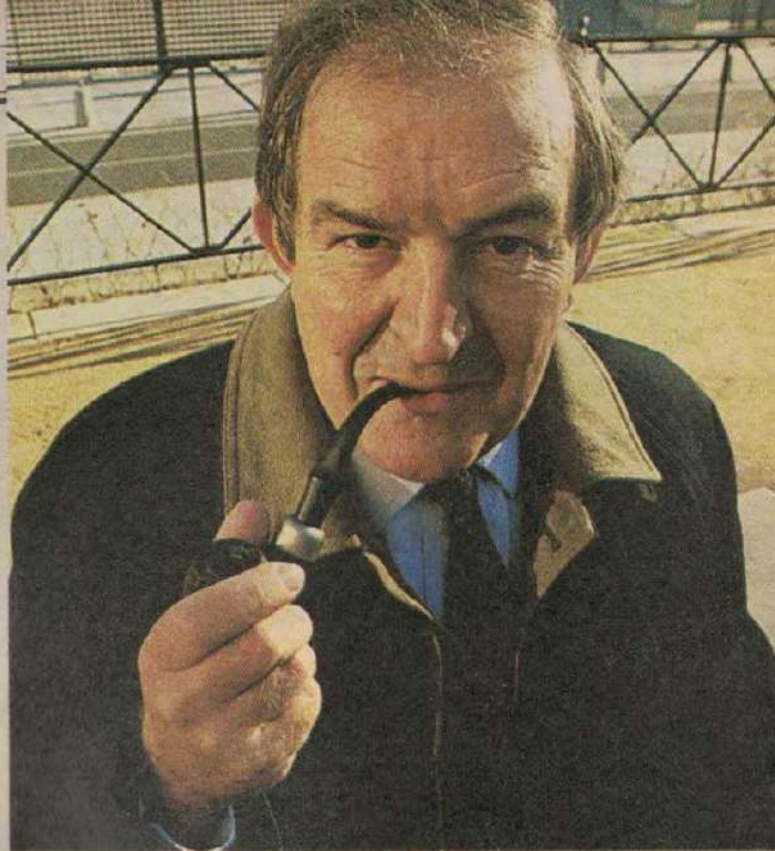
# Rigor tático

**E**M REUNIÕES com altos funcionários do Departamento de Justiça dos Estados Unidos, o juiz Bruguière recomendou seis providências para desmascarar as operações da Al-Qaeda e de outros grupos terroristas:

**Efetuar prisões em massa com objetividade.** “Fui muito criticado na França quando realizamos as primeiras prisões em grande escala entre a comunidade muçulmana, em 1995”, recorda Bruguière. “Mas essas prisões desmantelam as redes de apoio, vitais aos terroristas na frente de batalha. É como drenar a água de um pântano.”

**Especializar investigadores.** “Na França, dispomos de um mecanismo único: juízes que se ocupam exclusivamente de casos de terrorismo. Nos EUA, existe o FBI, a polícia estadual, a polícia do condado, a polícia municipal – todos cuidando de uma parte do processo. No fim, há uma dispersão. Com investigadores especializados, é possível fazer as conexões entre indivíduos aparentemente não relacionados e células terroristas de apoio.”

**Centralizar as ações penais.** “O sistema legal dos Estados Unidos utiliza tribunais e promotores espalhados pelo país. Cada vez que encontram uma célula terrorista, têm de começar do zero. Se as investigações sobre o terrorismo fossem centralizadas em um



único tribunal ou um único distrito, os promotores estariam mais bem equipados para vencer.”

**Conseguir cooperação global.** “Estamos assistindo à globalização do terror. Para combatê-lo, precisamos de uma reação global, da ação em vários países, exatamente como os terroristas.”

**Derrubar as barreiras da burocracia.** “É importante que todas as diversas agências federais de inteligência trabalhem juntas nesses casos, sem abrir mão de suas funções e identidades individuais. A coordenação é mais eficaz do que a competição.”

**Criar uma carteira nacional de identidade.** “A idéia é impopular nos Estados Unidos, por causa da preocupação com a liberdade civil. Mas a possibilidade de verificar aleatoriamente a identidade dos indivíduos é uma ferramenta policial poderosa.”